

O papel da História Local para a identidade regional do Algarve

Luís Guerreiro (*)

A historiografia nacional durante muito tempo não deu grande importância à História Local. Era considerada uma arte menor, exercida por amadores, meros curiosos de coisas antigas, na maior parte das vezes sem a adequada formação.

Houve sempre excepções, como tudo na vida, pessoas de grande craveira intelectual que publicaram obras e estudos de assinalável rigor científico, mas que na dimensão do alheamento geral acabaram esquecidas, ostracizadas ou apenas valorizadas por uma minoria esclarecida.

No entanto, houve momentos, sobretudo nos últimos três séculos, em que o interesse pela História Local foi pontualmente fomentado.

Desde logo com a criação da Academia Real da História em 1720 e o incremento que a mesma deu à valorização dos estudos locais. As Memórias Paroquias organizadas pelo Padre Luís Cardoso após o terramoto de 1755 são ainda hoje preciosas fontes para o estudo da História Local. Importa aqui registar o nome de Alexandre Herculano, acérrimo defensor da história local, cuja obra – vasta e de referência – deu origem à publicação da Portaria de 8 de Novembro de 1847 que no essencial determinava que em todos os Concelhos, as respectivas Câmaras Municipais elaborassem um livro especial, denominado «Anais do Município», onde se registariam os acontecimentos e factos mais importantes que ocorressem e cuja memória fosse digna de conservar-se, enunciando de seguida o que se considerava de interesse registar para as gerações futuras, indicando por fim a forma de o fazer.

É óbvio que esta Portaria não teve grandes resultados práticos. Que eu tenha conhecimento, no Algarve ela não teve cumprimento, não obstante haver pessoas nalgumas Câmaras que, mais por sensibilidade pessoal e gosto pela história do que por orientações legislativas, organizaram os seus Arquivos e preservaram documentos que actualmente são verdadeiras preciosidades para a História Local, Regional e até Nacional.

Por exemplo em Loulé guardaram-se as Actas desde o século XIV, seguramente as mais antigas do País, e outros documentos de relevante interesse histórico, autênticos testemunhos de uma época que se estende até à Idade Média. João Baptista da Silva Lopes, uma das tais excepções de que falava atrás, escreveu muito e bem sobre o Algarve e no prefácio das Memórias para a História Eclesiástica do Algarve escreveu que um membro da Academia Real da História foi incumbido de escrever a História do Algarve e desculpou-se com a falta de notícias e monumentos em que pudesse colher alguns dados seguros.

Esta mentalidade nacional de desconfiança e desinteresse pelo local e regional fez escola e entrou pelo século XX adentro. Os nossos grandes Historiadores, salvo raras excepções, não iam à Província consultar as fontes, entendidas aqui numa perspectiva transdisciplinar onde entrava a geografia regional, a arqueologia, a toponímia, a tradição oral, a documentação administrativa etc... No Algarve, apesar de tudo há um conjunto de personalidades que ao longo dos tempos desenvolveram um trabalho notável e nos deixaram obras de apreciável valor.

Sem contudo ser exaustivo e penitenciando-me por algum esquecimento imperdoável, gostaria de mencionar o já referido Baptista Lopes, Ataíde de Oliveira, Estácio da Veiga, Alberto Iria, Joaquim Romero Magalhães e mais recentemente Maria João Raminhos Duarte, Rosa Mendes, Vilhena Mesquita, Joaquim Rodrigues e muitos outros investigadores ligados à Universidade e uma listagem enorme de jovens que estão a elaborar ou já fizeram Dissertações de Mestrado ou Doutoramento sobre temas da região. O interesse por esta área

tem vindo a crescer de forma significativa ,O em grande medida devido às instituições académicas, devendo aqui realçar o Mestrado sobre a História do Algarve ministrado pela Universidade do Algarve, não descurando o papel das Câmaras Municipais através dos seus Museus e outros serviços culturais.

(*) Chefe de Divisão de Cultura e Museus da C. M. de Loulé. Sócio da AGECAL